

**FACULDADE RIO SONO
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURA**

MEIRYDIANNE CHRYSTINA DE ALMEIDA SANTOS

**A INFLUÊNCIA DO ASPECTO FONOLÓGICO NA
AQUISIÇÃO DA ESCRITA PELA CRIANÇA**

**PEDRO AFONSO - TO
2014**

MEIRYDIANNE CHRYSTINA DE ALMEIDA SANTOS

**A INFLUÊNCIA DO ASPECTO FONOLÓGICO NA
AQUISIÇÃO DA ESCRITA PELA CRIANÇA**

Artigo apresentado à Faculdade Rio Sono, como requisito parcial para conclusão do curso de pós-graduação Lato Sensu em Língua Portuguesa e Literatura.

Orientadora: Professora Giliana Zeferino Leal Mendes.

**PEDRO AFONSO - TO
2014**

MEIRYDIANNE CHRYSTINA DE ALMEIDA SANTOS

**A INFLUÊNCIA DO ASPECTO FONOLÓGICO NA
AQUISIÇÃO DA ESCRITA PELA CRIANÇA**

Artigo apresentado à Banca Examinadora da Faculdade Rio Sono, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa e Literatura.
Orientadora: Professora Giliana Zeferino Leal Mendes.

Aprovado em: 11 de setembro de 2014.
Nota: 9,0

BANCA EXAMINADORA

Professora Esp. Giliana Zeferino Leal Mendes
Orientadora

Professora Msc. Nilsandra Martins de Castro
2º Membro da Banca

Professora Esp. Helenita Rabelo Duarte
3º Membro da Banca

A INFLUÊNCIA DO ASPECTO FONOLÓGICO NA AQUISIÇÃO DA ESCRITA PELA CRIANÇA

Meirydianne Chrystina de Almeida Santos¹

RESUMO

A escrita da criança influenciada por suas atividades linguísticas é a proposta de estudo deste trabalho. Nele, será discutida a importância de entender o aspecto fonológico para que a aquisição da escrita não seja vista como erro, mas sim como a representação das palavras da fala da criança e sua necessidade de comunicar-se utilizando palavras e imagens. As chamadas “marcas gráficas” que crianças da educação infantil fazem antes mesmo de aprender a escrever já significam para elas a necessidade de comunicar algo. É importante entender as ideias que as crianças têm sobre a representação com a escrita. À medida que a aquisição escrita evolui, essa associação entre fala e escrita ocorrerá de maneira mais facilitada, pois ela mesma modifica suas ideias para se aproximar do sistema já estabelecido. Isso proporcionará ao aprendiz refletir sobre a língua falada e entender suas relações com a língua escrita. Perceber a influência da fala nesse processo pode fazer com que o professor e também a família tenha condições de compreender a intenção comunicativa da criança ao representar significados através de palavras e como ocorre esse processo de aquisição da escrita.

Palavras Chave: Fala. Escrita. Desenho. Comunicação. Criança.

ABSTRACT

A child writing influenced by their linguistic activities is the proposed study of this work. In it, we discuss the importance of understanding the phonological aspect for the acquisition of writing is not seen as wrong, but as a representation of words in the speech of children and their need to communicate using words and images. Calls "graphic marks" that children in early childhood education do before even learning to write now mean to them the need to communicate something. It is important to understand the ideas that children have about representation with writing. As written acquisition evolves, this association between speech and writing occur more easy way, because it modifies the same ideas to approach the system already established. This will provide the learner reflect on the spoken language and understand their relationships with the written language. See the influence of speaking in this process may cause the teacher and also the family is able to understand the communicative intent of the child to represent meanings of words and how through the acquisition process of writing occurs.

Keywords: Talking. Writing. Drawing. Communication. Child.

¹ Graduada em Letras (Português/Inglês e Literaturas) pela Faculdade Latino-Americana de Educação – FLATED. Graduada em Teologia pela Faculdade Kurios. Pós-graduanda em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Rio Sono.

1 INTRODUÇÃO

Normalmente, a vida escolar da criança de ensino fundamental começa aos seis anos de idade, sem falar em sua passagem pelos níveis pré-escolares, a saber, os da educação infantil. É consenso entre os estudiosos da linguagem que a quando vai pra escola a criança tem atividade linguística intensa anterior à sala de aula – pois já fala e entende enunciados de maneira eficiente. Dentre os fatores que contribuíram para a aquisição da linguagem, o mais importante talvez seja o convívio familiar, na observação da fala dos adultos e outras crianças. Através do princípio da “assimilação” a criança ouve seus semelhantes falarem e ela mesma adapta sua linguagem à intenção de comunicar suas necessidades básicas.

Ao iniciar o processo de aquisição da linguagem, a criança constrói frases pouco elaboradas, mas que atendem ao propósito da comunicação. À medida que a capacidade comunicativa evolui, a criança começa internalizar a estrutura da fala, por sua conta e, naturalmente, traça modos de falar, os quais lhe mostram o que pode fazer com a linguagem. Por mais que não tenha um vocabulário extenso, a criança não constrói enunciados sem estrutura, como por exemplo “água beber quer”. Em sua organização linguística elaborada por ela mesma e baseada no que ouviu outros falando, quando necessitar comunicar sede, normalmente dirá “quer beber água”. Observe-se aqui que a criança não precisou, por exemplo, aprender que o verbo “*querer*” deveria estar conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (quero). Esse não é o foco dela. Seu objetivo é simplesmente comunicar.

Se for assim que a criancinha, por volta de 2 anos de idade entende (implicitamente) que seu objetivo é apenas comunicar e que não é obrigada a compreender esses aspectos gramaticais, não há razões para não aplicar o mesmo princípio à aquisição da escrita quando ela chegar à idade escolar. O ensino de língua materna deve deixar de ter o erro como alvo. Quando adquire a escrita e começa a utilizá-la, a criança tem intenções comunicativas, está transportando suas habilidades orais (de falantes) para textos escritos e que, para ela têm todo o sentido.

O entendimento dos aspectos fonológicos (representação do som) servirá ao docente como mecanismo que vai possibilitar a leitura do texto produzido pela

criança como unidade carregada de sentido. Não deve ser visto como instrumento de punição no qual a única utilidade é corrigir os erros ortográficos. A interferência da fonologia na escrita da criança, se não entendida como parte do processo, poderá afetar o desenvolvimento da habilidade de escrita. Se bem acompanhada, essa interferência pode até mesmo servir de requisito para a compreensão do sistema ortográfico.

O foco deste estudo é mostrar a importância de perceber esse processo de aprendizagem da criança, no que diz respeito à aquisição da fala e da escrita e a forma como sua experiência com a linguagem influencia no aprendizado da modalidade escrita da língua.

Para a realização deste estudo, além do embasamento teórico, foram solicitadas produções escritas a duas crianças, ambas estudantes da rede particular de ensino: à de seis anos, que estuda o 1º ano do Ensino Fundamental; e à outra, de dois anos, estudante do maternal. Também foram coletadas imagens de suas produções, através de desenhos e palavras e explicações sobre suas significações ao escrever ou desenhar.

É preciso considerar que ao escrever a criança quer comunicar algo possibilita aprendizado da língua escrita. As teorias e estudiosos que tratam do assunto visam explicar, por exemplo, como uma criança, com idade de três a quatro anos consegue se comunicar com as pessoas à sua volta e tem o total domínio da língua falada por ela dentro da sua comunidade.

2 A AQUISIÇÃO DA ESCRITA PELA CRIANÇA

2.1 Etapas de aquisição da escrita

A aquisição da escrita por crianças em idade escolar, ou mesmo anterior a isso, ocorre da mesma forma que a aquisição da língua falada: em etapas, mais precisamente cinco, as quais conforme Dalhem citado por Elias (2000, p. 85) são: primeira: a pictórica - em que a escrita da criança é semelhante a desenhos e não têm relação com aspectos sonoros; segunda: a aproximação com a cursiva, mas sem separação de letras; terceira: preocupação com o traçado da letra, separação

das letras e as relações com o som; quarta e quinta etapas: constituem as fases de aperfeiçoamento, onde a criança escreve, mas não domina *completamente* a associação entre o grafema/fonema, mas conhece letras isoladas, faz a união entre elas, estabelece sentido e, por fim, chega a formar palavras.

Baseada na teoria socioconstrutivista de Emilia Ferreiro, Soares (2010, p. 22) diz que “a criança passa por níveis de evolução conceitual na construção do seu processo de leitura e escrita”. O primeiro nível ao qual a autora se refere é o chamado “pré-silábico – a criança percebe que pode representar significados através de marcas gráficas como as letras, números, garatujas e não apenas com o desenho”. Além disso, não consegue (ainda) representar a palavra, mas, em sua concepção, está representando o objeto. Em seu pensamento, letras e números são para ser lidos e desenhos não o são.

Os primeiros traçados das crianças já indicam o aparecimento de uma relação funcional com a escrita. Embora não apresentem forma definida – frequentemente desalinhados ou um conjunto de rabiscos, uma mistura de linhas retas e curvas – já têm a intenção de expressar uma ideia ou produzir um significado. (DALHEM *apud* ELIAS, 2000, p.85).

Na segunda etapa, o nível silábico, a criança apropria-se da ideia de representar não mais o objeto e sim a letra, associando a letra (escrita) aos sons da fala. Para a criança, cada letra é uma sílaba. No terceiro nível, o silábico-alfabético, a criança percebe, através de construções como a escrita do seu nome, por exemplo, que a letra sozinha não forma sílaba → palavra. Ela, automaticamente e pela experimentação, acrescenta letras na intenção de ampliar essa capacidade de escrita. Quanto mais a criança tiver contato com a variabilidade de textos maior será o avanço na aquisição da escrita.

O nível alfabético é aquele em que a criança constrói escritos com base no som, onde cada fonema corresponde a um sinal gráfico. É uma escrita aproximada da transcrição fonética. Assim, quando chega a este estágio, a criança escreve como fala. É nessa etapa que alguns docentes falham realizando as correções punitivas sem preocupar-se que é assim que a criança aprende e isso diz respeito exatamente à confusão sonora que o próprio sistema ortográfico de escrita apresenta.

2.2 Teorias de aquisição da linguagem

Esta é uma área ramificada da Linguística, denominada psicolinguística, relacionada aos processos de aprendizagem da língua. Após muitos estudos, os teóricos constataram que o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola. Existe um aprendizado pré-escolar na criança que se amplia quando esta atinge a idade escolar. Quando confrontada, na escola, com uma determinada situação de aprendizagem, essa não será totalmente nova, pois a criança talvez já tenha tido uma história prévia do assunto estudado.

As correntes teóricas sobre a aquisição da linguagem e do desenvolvimento estão embasadas nas concepções que se tem de homem e no modo como ele constrói o conhecimento. Assim, o aprendizado da criança pode ser estudado com mais eficácia. Dentre tantas teorias, as de Piaget e Vygotsky serão as utilizadas para embasar este trabalho.

Os mais conhecidos processos de aquisição da linguagem são os defendidos por Skinner (behaviorismo), Noam Chomsky (inatismo), o cognitivismo construtivista (Jean Piaget) e o sociointeracionismo (Lev Semionovitch Vygotsky). Entender os postulados de cada abordagem teórica é fundamental para se possa encontrar um método para que a aprendizagem realmente aconteça. Davis (2002, p, 11) diz:

Para garantir a todas as crianças uma efetiva igualdade de oportunidade de aprender, **a escola** deve atender à diversificação de sua clientela. Para tanto, ela **deve considerar em seu trabalho as experiências de vida e as características psicológicas e socioculturais dos alunos que atende**, buscando uma adequação pedagógico-didática à sua clientela, tornando possível um processo de aprendizagem realmente significativo. (grifo meu)

A mesma autora procurou investigar sobre as funções da escrita do ponto de vista da criança e obteve as seguintes respostas:

Perguntei para uma criança de seis anos, que cursa o 1º ano do Ensino Fundamental: o que é escrever? Sua resposta foi: escrever é desenhar; é fazer nome. Perguntada sobre por que a gente escreve, a criança respondeu: para aprender a fazer nome. Pra quê servem as coisas que você escreve, a resposta foi: para dizer que amo a minha mãe, meu pai e minha irmã. Os questionamentos têm a função de investigar qual é a concepção de escrita que essas crianças têm.

Piaget esquematizou o desenvolvimento (aprendizado) da criança em estágios. A linguagem, especificamente, depende do nível de desenvolvimento da

inteligência da criança, os quais chamou de “processos maturativo-biológicos”. A aquisição da linguagem ocorre porque é o resultado da interação entre o ambiente e o organismo, através de *assimilações* (atribuir significações a partir de sua experiência anterior) e *acomodações* (ajuste às demandas impostas pelo meio), processos responsáveis pelo desenvolvimento da inteligência. Assim a inteligência supera a aquisição da linguagem.

Por outro lado, Vygotsky aponta que o meio social onde o indivíduo está inserido é fator determinante para que o aprendizado ocorra. Assim, para Vygotsky o desenvolvimento da linguagem na criança (assim como de outras capacidades) decorre de seu contato/interação com os adultos. Vygotsky também desenvolveu o que ficou conhecido como ZDP (zona de desenvolvimento proximal), uma aproximação entre aquilo que a criança não consegue solucionar (nível de desenvolvimento potencial - NDP) e aquilo que a criança é capaz de solucionar por si só (nível de desenvolvimento real – NDR). Assim, GOMES (2009: p. 30) diz que “a ZDP representa o nível de conhecimento em que a criança pode, com estímulo e mediação de um adulto, solucionar problemas”. Sobre a necessidade de aprofundamento dos docentes em relação às diferentes formas de aprender, Davis (2002, p, 13) afirma:

Conhecendo seus alunos e a maneira através da qual se dá o seu desenvolvimento no ambiente concreto em que vivem, entendendo os mecanismos que propiciam e facilitam a apropriação de conhecimentos e, sobretudo, tendo consciência da importância da ação docente, o professor poderá avaliar criticamente os conteúdos escolares e os métodos de ensino, de modo que a aprendizagem escolar conduza a um desenvolvimento efetivo.

Assim, é de suma importância que os docentes tenham esse conhecimento sobre as teorias de aquisição da linguagem, pois elas, de certa forma, contribuirão para que o professor possa compreender os problemas que poderão surgir sobre a forma como seus alunos aprendem.

2.3 A assimilação da língua escrita pela criança

Ao ingressar na escola, a criança já traz consigo o domínio da língua falada no meio em que ela está inserida. Normalmente, essa variedade é diferente da que

tem sido ensinada nas aulas de Língua Portuguesa. Erroneamente acha-se que a língua da criança deve ser alvo de correções, punições e rapidamente deve ser substituída. Bagno (2002, p, 21), a respeito disso declara:

Essa pedagogia tradicional opera com a antiga noção filosófica de *tábula rasa*, como se o primeiro dia da criança na escola fosse também seu primeiro dia de contato com sua língua materna - despreza-se quase totalmente o conhecimento da língua que a criança já traz de sua atividade linguística no seio da família e do grupo social em seus primeiros anos de vida, desconsidera-se seu uso intuitivo, eficaz e criativo dos recursos da língua. (grifo do autor)

Após tantas evoluções nos estudos relacionados ao desenvolvimento da criança, a noção de *tábula rasa* caiu em desuso. Ao chegar à escola, a criança já traz consigo experiências vividas por ela em contato com o meio onde vive. Assim, segundo, Gomes (2009, p.39), existe um desafio para os professores de crianças da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, e especial os de Língua Portuguesa: “A primeira é que a criança traz consigo uma língua falada que influenciará na aquisição da escrita. A segunda é que essa língua será modificada com o passar do tempo pela reflexão sobre os diversos gêneros textuais, contextos de uso e o próprio funcionamento da linguagem”.

A autora defende a tese sobre a influência da língua falada no processo de aquisição da escrita de que leciona nas séries iniciais deve ter embasamento teórico acerca dos aspectos fônicos da língua para acompanhar a criança na sua relação com a língua escrita. O conhecimento de que existem alguns processos e desvios fonológicos que podem afetar a aquisição da escrita é necessário para que o professor possa direcionar o seu trabalho de alfabetização da criança.

Cagliari (2009, p. 107) faz alguns apontamentos sobre a leitura e a escrita da criança. Ele afirma que as crianças em fase de alfabetização produzem textos espontâneos. Nesse processo, elas se deparam com o desafio de escrever palavras desconhecidas. Não sabendo como algumas delas são escritas, as crianças formulam hipóteses sobre como escrever.

À medida que as crianças vão aprendendo novas palavras, os possíveis erros que comumente aparecem nos textos produzidos por elas quase desaparecem. E isso é explicado assim: as crianças vão se autocorrigindo e depois, restam poucos erros ortográficos, os quais são comuns à maioria dos usuários da língua. De acordo como Seber (2009, p. 190) inicialmente, as crianças produzem pequenos traços

como formas principiantes de escrita. Depois passa a ser caracterizada como pictográfica e, após isso, finalmente, uma forma gráfica composta de letras. A mesma autora afirma que a participação da criança no processo de alfabetização é mínima porque ela só observa e imita o que vê ai seu redor. A imitação é vista como recurso facilitador para que ela adquira respostas novas.

No Livro “A formação social da mente” Vygotsky (2007, p. 140) diz que as crianças usam os sinais escritos para desenhar / representar objetos ou ações. O autor afirma ainda que a criança precisa ainda evoluir para uma segunda utilização destes sinais, sinais escritos representativos dos símbolos falados das palavras. O autor afirma: “Para isso a criança precisa fazer uma descoberta básica – a de que se pode desenhar, além de coisas, a fala. Foi essa descoberta, e somente ela, que levou a humanidade ao brilhante método da escrita por letras e frases. Do ponto de vista pedagógico, essa transição deve ser propiciada pelo deslocamento da atividade da criança do desenhar coisas para o desenhar a fala”.

3 RESULTADOS DAS OBSERVAÇÕES DOS TEXTOS PRODUZIDOS POR CAMILLY VICTÓRIA E EMILLY MORIAH

É de fundamental importância que os aspectos sonoros da língua sejam bem compreendidos pelos docentes para poder entender como essa língua falada interfere na aquisição da escrita. Assim, o texto escrito pelo aluno e que apresenta, do ponto de vista do professor os possíveis “erros”, na verdade não o são, representam as formas como a criança compreende a escrita.

Soares (2010, p. 38) explica como a criança aprende. Ele diz que os atos de leitura e escrita estão relacionados a processos contínuos em que a própria criança vai construindo e reconstruindo seu aprendizado. A criança, ela mesma irá construir o seu conhecimento sobre leitura e escrita.

A produção escrita mais recente (14 de julho de 2014) de uma das crianças observadas para elaboração deste trabalho, Camilly Victória, apresentava a seguinte mensagem: “MAMAIESACASAEPRAVOSE”, conforme imagem abaixo:

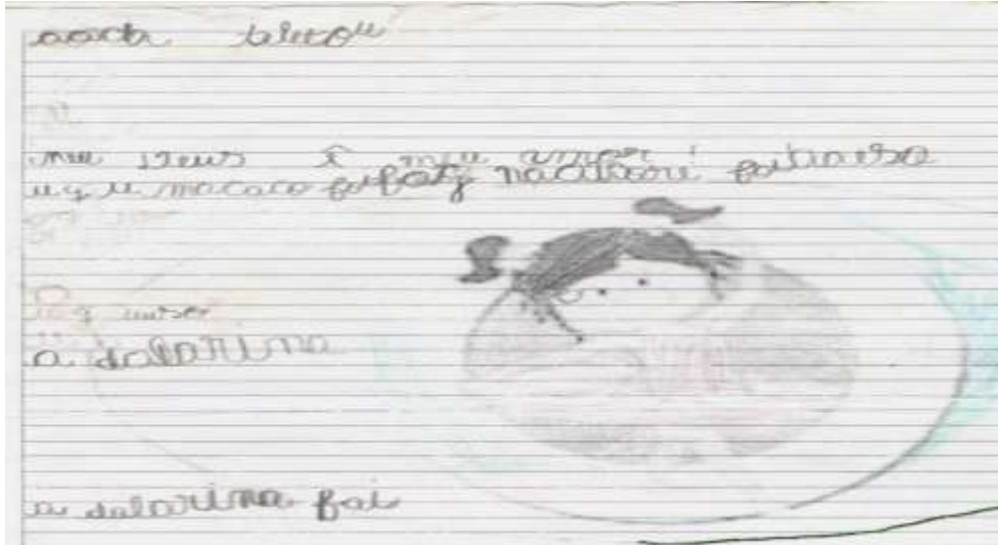


Legenda: Mamãe, essa casa é pra você.

Sobre este processo, Nova Escola (2012, p. 37) explica que estes textos são produzidos assim porque as crianças relacionam fala e escrita. Há nessa fase a hipossegmentação – quando não há separação das palavras onde deveria haver. A relação entre a língua falada e a escrita leva à dificuldade de separar as palavras de forma convencional.

De acordo com a Linguística, a criança não está cometendo erros de forma irrefletida. Mas, isso ocorre por conta das contradições fônicas no sistema ortográfico. Esse sistema nos diz, por exemplo, que a consoante s pode ter como fonemas o som de /z/, como em casa /kasa/; pode representar o som de /s/, como em osso /oso/. Esse é só um dos exemplos. E como a criança na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental não opera no pensamento abstrato, mas somente no concreto (no lógico), essas contradições dão brechas para que a criança transporte para a escrita os sons da língua falada, porque é assim que ela entende.

Note-se agora mais uma produção escrita da criança observada neste estudo. Aqui, ela utiliza a escrita para estabelecer uma conversa. As características dessa produção revelam que o texto foi produzido quando a criança estava no início da alfabetização: “U Q U MACACO FOIFAZ NAAVORE FOIBAESA”. Na mesma produção, Camilly Victória estava assistindo televisão quando viu a propaganda da AACD e do Teleton e procurou reproduzir o que viu. Depois, ela deu continuidade ao que estava escrevendo falando sobre Deus e começou a contar uma historinha.



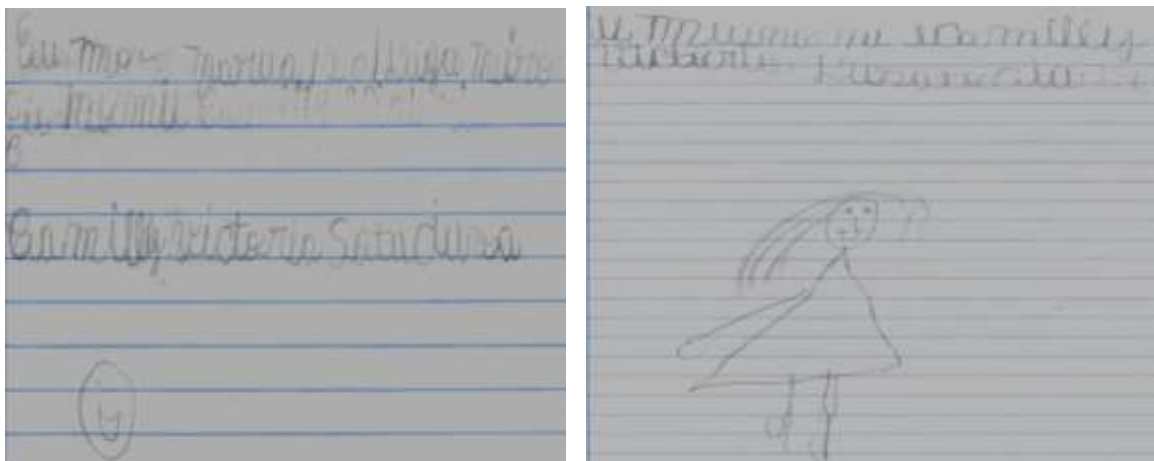
(Legenda: AACD, Teleton. Meu Deus é meu amor. O que o macaco foi fazer na árvore? Foi balançar).

Observa-se, através destes escritos, em primeiro lugar, que a criança escreveu o texto com intenções comunicativas. Em segundo lugar, observa-se que, mesmo já estando no 1º ano do ensino fundamental, ainda são mantidas as características de transcrição dos sons da fala e a hipossegmentação (sem separação). Nesta produção, em forma de coração, Camilly Victória escreve uma declaração de amor para sua mãe:



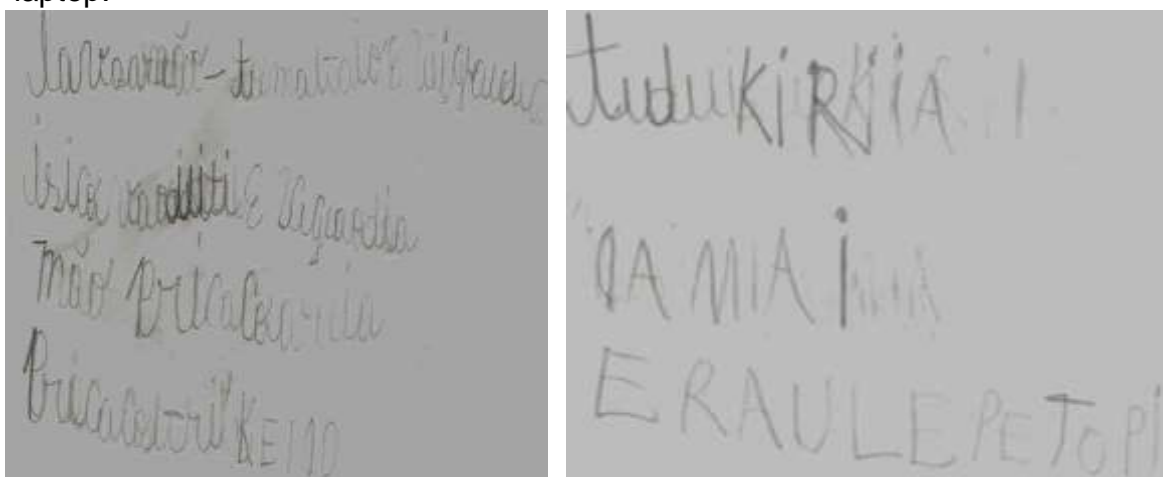
Legenda: Mamãe, eu te amo. Um beijo, você é linda.

Outro texto produzido por Camilly Victória tem como função o uso da escrita para apresentar-se. Aqui, a criança procurou utilizar além da língua escrita para representação do pensamento, também a imagem (desenho). No segundo texto, ela informa seu nome e endereço.



Legenda: (O meu nome é Camilly Victória dos Santos Silva. Eu moro na rua vinte de janeiro).

Neste texto, Camilly escreveu sobre as tarefas que deveria cumprir. Escovar os dentes, três vezes ao dia, lavar as mãos, etc. No outro texto, a criança fez um desenho para expressar seus sentimentos a respeito de uma repreensão que havia levado da mãe. E no texto seguinte, ela escreve sobre o que gostaria de ganhar: Um laptop.



Legenda: Lavar as mãos 3 vezes ao dia. Escovar os dentes 3 vezes ao dia. Não brincar com areia. Brincar com os brinquedos. Foto 2: Tudo que eu queria da mãe era um laptop.



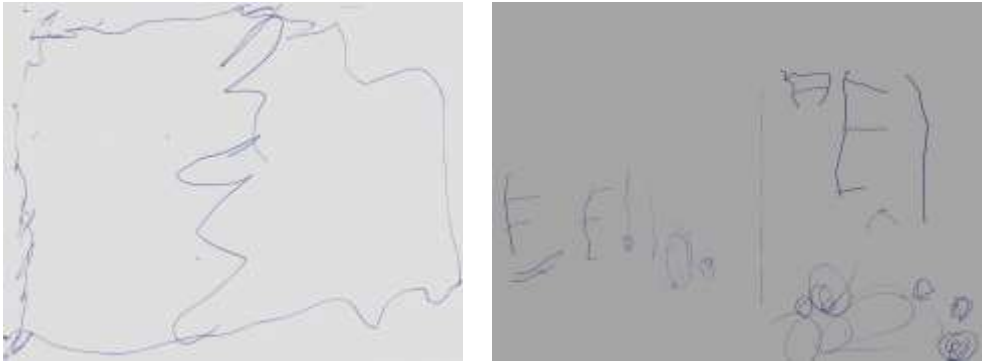
Nesta outra produção, Camilly Victória tentou criar uma narrativa, incluindo ilustração. Segundo ela, essa é a história da “menina cabeçuda” que foi passear na floresta. Na próxima imagem, a criança faz um desenho e escreve a palavra mamãe.



Com base em estudos sobre a aquisição da escrita e agora, mediante observação destes escritos ilustrados aqui, poder-se-á verificar que, ao aprender a escrever a criança começa “rabiscando”, criando letras, sinais. Observaremos isso nas imagens das produções escritas da pequena Emilly Moriah (3 anos, estudante do maternal). Esse ato não acontece de forma aleatória. O texto escrito pela criança tem uma intencionalidade: além de imitar a escrita do adulto, ela quer comunicar. Esse é o chamado texto significativo.

A criança de 3 anos observada para realização deste estudo, Emilly Moriah, estuda ainda o maternal. Já tem conhecimento dos números e das vogais. Foi pedido a ela que escrevesse algo para sua mãe e, de acordo com o que a criança disse, está escrito abaixo: “eu te amo mamãe e eu te amo Camilly” (a irmã mais velha).

Em outra situação foi pedido que Emilly Moriah escrevesse as coisas que aprendeu na escola. Ela escreveu as vogais, dando destaque para a vogal O o (o grande e o pequeno, segundo ela). Em outra produção, ela procurou desenhar uma bola. Nota-se que, embora diferente, o traçado das letras é bem nítido, permitindo identificar e reconhecer facilmente as vogais escritas pela criança.



No reverso da folha, quando foi solicitada para fazer um desenho, a criança desenhou um quadrado e duas bolas, uma pequena e uma grande. Foi preenchido quase que totalmente um dos lados da folha para produzir esse desenho.



Nessa fase do aprendizado, essa criança já consegue estabelecer uma distinção entre números, desenhos e letras. Isso foi identificado quando ao ler uma historinha ilustrada, a criança aponta para as letras e quando perguntada se tem desenho, aponta para as imagens.

É preciso ressaltar que as duas crianças, Camilly Victória e Emilly Moriah, são constantemente expostas a situações de leitura (de livros, de imagens, de filmes) e isso tem contribuído para que a aquisição da leitura e a ampliação da escrita se deem de forma eficiente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de alfabetização não é uma tarefa simples e imediata. A levar em conta os aspectos apresentados aqui sobre a língua falada, os processos de

aquisição da língua oral e escrita, a influência da sonoridade na escrita da criança, o trabalho com a alfabetização de crianças da educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental pode ser melhor executado.

O reconhecimento dessas especificidades permite que a criança crie e recrie os sistemas de representação escrita. Isso significa que o trabalho demanda tempo, pois para que a criança consiga estabelecer essa diferença entre fala e escrita, a exposição da criança à leitura e à escrita permite-lhe essa construção do seu próprio entendimento de ler e escrever, tomando como base os modelos que o meio social lhe oferece.

Assim, quanto mais exposta à criança for a situações de leitura e escrita e se isso ocorrer de maneira espontânea, sem pressões, sem censuras ou correções, melhor e mais rápido será o seu desenvolvimento da língua escrita e sua relação com ela. O professor, por outro lado deve assumir uma postura investigativa a fim de perceber e verificar como a criança faz à escrita, por que faz desse ou daquele jeito. É preciso levar em conta o que a criança já sabe. As contribuições dos estudos em psicologia da educação e na área da linguística ajudam a compreender melhor os processos de aprendizagem. O professor precisa conhecer as diferentes teorias, estabelecer uma conexão com a prática.

À escola cabe o papel de tornar-se um ambiente alfabetizador. Mais do que isso, é preciso que os profissionais da educação estejam em constante atualização. Investir na especialização dos educadores, propiciar ambientes exclusivamente dedicados à leitura são algumas das estratégias que podem ser implementadas. É um trabalho que envolve executores específicos: a família, que passa mais tempo com a criança podem desenvolver momentos diários, no mesmo horário, dedicados à leitura; a escola precisa estar ciente dos processos de aprendizagem para que seja um ambiente de inclusão; o docente é o elemento primordial nesse processo, pois compreendendo as diferentes formas de aprender e tendo o reconhecimento das etapas de desenvolvimento da criança, ele será o profissional melhor preparado para conduzir e reorientar o processo de alfabetização da criança.

Investir em práticas de ensino de leitura e escrita deve ser o foco do ensino de língua materna. Quem escreve, o faz para alguém ler e com finalidades específicas. Essa é a razão da escrita e da leitura como atividade essencial na formação do cidadão. Conforme Cagliari (2009), se o aluno não se sair bem nas outras atividades, mas se for um bom leitor, a escola cumpriu em grande parte sua

tarefa. Em outras palavras: o sucesso dessa criança na vida escolar e no futuro, como cidadão, apto ao exercício da cidadania e à vida profissional, depende da base sólida que construímos no início da vida escolar.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. GAGNÉ, Gilles. STUBBS, Michael. **Língua materna: letramento, variação e ensino.** São Paulo: Parábola, 2002.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística.** São Paulo: Scipione, 2009.

DAVIS, Cláudia. OLIVEIRA, Zilma de M. R. de. **Psicologia na Educação.** 2ª ed., São Paulo: Cortez, 1994, rev., coleção Magistério, 2º grau, Série formação do Professor.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. **De Emílio a Emília: a trajetória da alfabetização.** São Paulo: Scipione, 2009.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do ensino de língua portuguesa.** São Paulo: Saraiva, 2009.

NOVA ESCOLA. **Educação Infantil: as crianças já pensam sobre textos e números.** Ano XXVII, nº 258, dezembro de 2012, páginas 37-39.

NOVA ESCOLA. **Escola que alfabetiza.** Nº 24, março de 2013, página 22.

SEBER, Maria da Glória. **A escrita infantil: o caminho da construção.** São Paulo: Scipione, 2009.

SOARES, Maria Inês Bizzotto; AROEIRA, Maria Luíza; PORTO, Amélia. **Alfabetização Linguística: da teoria à prática.** Belo Horizonte: Dimensão, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.